

seqüestrados, ou utilizados pelos boticários, para “embrulhar adubos e ungüentos”. O mesmo aconteceu com a do Maranhão: mantida em depósito, foi examinada decênios depois, não encontrando nela Araújo Viana um só livro aproveitável.

Nos fins do século XVIII, começaram a aparecer bibliotecas particulares. Os autos das “inconfidências” as revelam, no intuito de agravar a sorte dos acusados: ler não era apenas indesculpável impiedade, era mesmo prova de crimes inextinguíveis. Os que estudavam na Europa, traziam livros, entretanto, e até os emprestavam. A entrada de livros — salvo aqueles cobertos pelas licenças da censura — eram clandestinas e perigosas. Os que contavam coisas da terra não tinham aquelas licenças, ou, em alguns casos, quando as recebiam, como o de Antonil, impresso em 1711, no Reino naturalmente, sofriam apreensão imediata⁽¹⁾. Foi confiscado e destruído. Sobraram, por sorte, três exemplares, e isso permitiu que, um século depois, fosse novamente impresso e circulasse.

Nos fins do século XVIII, começou o comércio de livros e surgiram as obras heterodoxas, cuja presença nas mãos de “inconfidentes” tanto os inculpariam: o cônego Luís Vieira juntava, em biblioteca, Condillac, Montesquieu, Mably e a *Enciclopédia*. Tiradentes possuía, em francês, a *Coleção das Leis Constitucionais dos Estados Unidos da América*; consta dos autos da devassa que pedira a um cabo, em Vila Rica, que lhe traduzisse o diário em que se descrevia o levante das colônias inglesas da América do Norte. Partindo para o Rio, em 1775, Antônio Máximo de Brito teve permissão para trazer os seus livros; entre eles estava pelo menos um condenado, o *Gil Blas*. Vidal Barbosa sabia de cor pedaços de um livro de Raynal. Álvares Maciel comprara, em Londres, a *História Americana Inglesa*, que deixou no Rio, ao recolher-se a Vila Rica, vindo da Europa. Acioli aponta o caso, na Bahia, do padre Agostinho Gomes, acusado como francês porque comera carne numa sexta-feira e lia Voltaire. Muniz Barreto, envolvido na conspiração de 1798, possuía a *Nova Heloísa*, de Rousseau, e a *Revolução*, de Volney. Cipriano Barata, outro elemento daquela conjura, tinha a *História da América Inglesa* e as *Obras* de Condillac; o tenente Hermógenes de Aguiar, o *Dicionário Filosófico*, de Voltaire. No Rio, em 1786, a *Sociedade Literária*, continuação da *Academia Científica*, fora transformada, segundo as autoridades, em motivo de

(1) Frei Veloso fez aparecer dele um extrato, em 1800. Mas a edição inicial, praticamente, porque de texto integral e de circulação livre, apareceu somente em 1837, no Rio, feita por Julius de Villeneuve, graças aos cuidados de José Silvestre Rebelo. O sucesso editorial do século XVIII foi do *Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, escrito na Bahia, em 1725, publicado em Lisboa, em 1728, com mais quatro edições no século XVIII.